

ESSENFELDER, Renato; RODRIGUES, Valter Pinheiro. Seqüências inseridas: fluência e disfluência em uma conversação espontânea. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Ano 3, n. 4, 2005. [www.revelhp.cjb.net]

SEQÜÊNCIAS INSERIDAS: FLUÊNCIA E DISFLUÊNCIA EM UMA CONVERSAÇÃO ESPONTÂNEA

Renato Essenfelder¹

Valter Pinheiro Rodrigues²

ressenfelder@folhasp.com.br
valter.pinheiro@ig.com.br

1. Considerações iniciais

O presente estudo parte de uma amostra de conversação telefônica espontânea para investigar o fenômeno da descontinuidade do fluxo de informações no diálogo, provocado pela inserção de seqüências tópicas de duração e objetivos variáveis ao longo da conversação. O objetivo que de antemão se apresentou foi a identificação do fenômeno e de seus marcadores, seguida pela classificação das inserções segundo sua função na narrativa e posterior análise de como elas podem auxiliar a compreensão do diálogo instaurado pelos interlocutores.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A amostra foi coletada de forma secreta por meio de um aparelho similar a uma escuta telefônica, que bifurca o cabo telefônico que liga a tomada ao aparelho doméstico para um gravador de mão, capaz de gravar as vozes do telefonador e do telefonado sem influir na qualidade da emissão/recepção, portanto imperceptível aos falantes e tecnicamente satisfatório para os documentadores.

A escolha de uma gravação secreta se impôs como a alternativa mais confiável para a coleta de material totalmente espontâneo, não influenciado pela preocupação das locutoras com questões como a preservação de face diante dos documentadores. De fato, ao longo dos 30 minutos de gravação que foram objeto desta pesquisa, a altíssima incidência de gírias, linguagem obscena e suposições de conhecimentos compartilhados confirma a espontaneidade do diálogo entre as amigas e colegas de trabalho L1 (telefonadora) e L2 (telefonada).

A transcrição do evento comunicativo foi registrada no sistema ortográfico padrão, seguindo rigorosamente o modo de enunciação.

Para normatizar o estudo e proporcionar maior clareza para a leitura e análise da amostra selecionada, adotamos as normas desenvolvidas pelos estudiosos do Projeto NURC/SP (Norma Urbana Culta de São Paulo) da Universidade de São Paulo (USP), cujos sinais de transcrição constam no quadro a seguir.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras e segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh ::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-as-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões... que fazem com que

		se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição, desvio temático	- - -	... a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	┌ Ligando as └ linhas	A. na ┌ casa da sua irmã B. ┌ sexta feira? A. fizeram ┌ lá... └ cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

(Preti, 1999: 11)

Por questões éticas, submetemos a transcrição integral e a gravação do telefonema à apreciação das duas locutoras, que autorizaram sua reprodução neste estudo, desde que omitidos os nomes de pessoas e instituições citadas no diálogo – pedido que acatamos integralmente, por não enxergar nele conseqüências prejudiciais à análise.

O tema do diálogo, proposto pela telefonadora – o que configura, segundo Marcuschi (2001: 58), regra básica da conversação telefônica: quem telefona propõe o tópico –, é “fofocas de trabalho”. O tópico é justificado tendo em vista que as interlocutoras trabalham no mesmo ambiente e que uma delas (L2, a telefonada) se encontrava em férias no momento do diálogo, portanto ausente da rotina (e, logo, das “fofocas”) da empresa.

As inserções que mostraremos adiante evidenciam fugas recorrentes do tópico em andamento e o caráter de constante replanejamento da fala. Apesar dessa fragmentação, contudo, observamos que não houve prejuízo na compreensão do tópico principal. Para tanto, consideramos necessário iniciar nossa análise pela definição de tópico, a partir do qual ocorre o fenômeno da inserção que é objeto deste estudo.

2. O tópico discursivo

A organização tópica do discurso é fundamental e inerente a qualquer evento discursivo no qual falantes trocam enunciados (Fávero, 1999: 39).

Quando dois ou mais falantes encontram-se em situação interativa através da fala, ambos estarão necessariamente com suas atenções voltadas para um ou mais assuntos, os quais serão abordados a partir de suas concepções de mundo e de seus conhecimentos partilhados.

Ao comunicarem-se por meio da fala, os interlocutores, nas mais diversas situações comunicativas, passam de um tópico para outro com muita naturalidade, pois, muitas vezes, um tópico pode levar os sujeitos a outros vieses de um mesmo assunto.

Segundo Fávero, Andrade & Aquino (2002: 37), os interlocutores possuem consciência a respeito de quando interagem nos limites de um mesmo assunto, quando passam para outro tópico ou, ainda, quando o interrompem. Para essas autoras, o estabelecimento do tópico discursivo pode se dar no momento em que os sujeitos interagem, podendo negociar o assunto da conversação num contexto em que será facilmente identificável por apresentar, muitas vezes, marcas lingüísticas nos enunciados.

Nas conversações face a face, nem sempre podemos identificar marcas que nos auxiliem na delimitação do tópico assumido pelos falantes, já que sua ocorrência pode estar subordinada ao contexto situacional, ou seja, os traços que definem o estabelecimento do tópico podem estar diretamente ligados a fatores ou traços do mundo extralingüístico, o que significa não só uma referência direta ao momento exato de ocorrência da conversação, mas também a conhecimentos partilhados entre os falantes e suas relações pessoais.

Nas conversações telefônicas, parece haver maior facilidade por parte dos analistas em detectar início e fechamento de tópicos. Isso acontece, talvez, porque nesse canal, como afirma Marcuschi (2001: 54), “todos os problemas devem ser resolvidos verbal e explicitamente”.

A definição do tópico principal do telefonema é de fato resolvida verbalmente, e explicitamente, em nossa amostra, como podemos observar no trecho seguinte:

(1)

1. L1 (...) **quer saber de um babado for::::te::RÉ::simo?**
2. [
3. L2 quero quero conte-me conte/
4. **a::i a::i que saudade que bom que você me ligou**
5. L1 viu ... você não sabe ...
6. L2 quem?
7. L1 a M voltou de viagem ... voltou das férias (não sei o que lá)
8. L2 **Que::m?**
9. L1 **M**
10. L2 **a M**
11. L1 é... aí acabo/ ela até te mandou um e-mail ... na sexta feira ... a gente já tinha
12. ido embora dizendo “ah F pode me ligar (a) qualquer hora”
13. L2 ãhn
14. L1 aí eu reforcei pra ela **hoje eu a/ eu a encontrei num evento que gra::ças a**
15. **Deus deu tudo certo você assistiu SPTV?**

Na linha 1 do exemplo (1) acima, L1 enuncia, por meio da expressão-convide (quer saber de um babado forterésimo?), um pedido de autorização para iniciar e desenvolver determinado assunto.

A definição do tópico a ser desenvolvido e o estabelecimento de sentido acontece, geralmente, durante a própria interação numa conversação espontânea, sendo dificilmente planejado de antemão – ou, quando há planejamento prévio, é bastante possível que a conversação não flua da maneira esperada, já que o contexto e seus fatores (conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, circunstâncias, pressuposições, inferências, relações entre os sujeitos, canal comunicativo e outros) possuem significativa influência na aceitação do tópico e em seu desenvolvimento.

Ainda em (1), vemos que há um planejamento prévio motivando o telefonema (ou seja, contar a fofoca, o *babado forterésimo*), mas, como observamos nas linhas 4 (a::i a::i que saudade que bom que você me ligou), 8 a 10 (L2 Que::m? / L1 M / L2 a M) e 14 a 15 (hoje eu a/ eu a encontrei num evento que gra::ças a Deus deu tudo certo você assistiu SPTV?), a recorrência de múltiplas inserções tópicas fragmenta o discurso e denota a impossibilidade de se seguir à risca qualquer tipo de percurso narrativo predefinido. O trecho (1), linha 15, termina, aliás, com uma aparente fuga de tópico (você assistiu SPTV?).

Lembramos que, dentre as propriedades constitutivas do tópico, estão, segundo Fávero (1999: 40-8), a *centração* e a *organicidade*. A *centração* está diretamente ligada ao que se fala, ou seja, ao interagirem os sujeitos voltam sua atenção para um mesmo referente

e é a respeito deste que fazem considerações pertinentes e coerentes a fim de garantir a progressão temática. Quanto à organicidade, ou a relação que se estabelece entre os subtópicos no interior de um tópico, é importante considerar que, para Fávero (1999: 46), a linearidade, ou articulação entre tópicos, possibilita compreender dois outros fenômenos. O primeiro, a *continuidade*, trata-se de uma conversação ideal, ou seja, os sujeitos iniciam, desenvolvem e concluem um tópico sem haver inserções ou fugas tópicas, para, aí então, iniciarem outro tópico; e, o segundo fenômeno, a *descontinuidade*, muito comum nos diálogos em geral, ocorre quando os sujeitos, por diversas finalidades, recorrem a recursos como repetições, parafraseamentos, reparos, hesitações ou, ainda, como vemos em (1) – linhas 4, 8 a 10 e 14 a 15 –, inserem seqüências tópicas motivadas por diversas finalidades interacionais, as quais serão tratadas adiante.

Visando a delimitação desta proposta de análise de um fenômeno comunicativo que emerge durante uma conversação espontânea – as inserções de seqüências tópicas –, cabemos, agora, tratar apenas de um dos fenômenos de descontinuidade tópica, a inserção de segmentos tópicos na amostra documentada a partir de uma conversação telefônica.

3. Descontinuidades no fluxo de informação no nível linear: as inserções

Os processos de inserção realizados pelos falantes enquanto interagem constituem, segundo Fávero (1999: 46) importante fator no seqüenciamento tópico e, portanto, na organização global da conversação.

Enquanto interagem, os interlocutores podem, por diversas razões, próprias da situação discursiva, apresentar informações a respeito de determinado tema que se desenrole com naturalidade, apresentando um fluxo contínuo de informações.

A noção de descontinuidade que considera os recursos de inserção constituem, para Koch et alii (1996), importantes funções pragmático-interativas, que não podem ser dissociadas da focalização de noções como “a intenção do falante, a estratégia da comunicação, o envolvimento dos interlocutores e a natureza do planejamento”. (Koch et alii, 1996: 147)

Procederemos ao desenvolvimento e à análise do processo de inserção, que constitui um dos principais processos de descontinuidade tópica. As inserções de segmentos tópicos podem se dar em extensão variada, realizando uma pausa temporária no tópico que necessariamente se desenvolvia.

Um dos fatores apontados por Koch et alii (1996: 148) para a descontinuidade tópica é o grau de planejamento dos enunciados veiculados entre os sujeitos no processo de interação. Os autores acreditam que a continuidade do discurso pode estar subordinada ao planejamento temático, uma vez que há possibilidade de alguns eventos poderem contar com um grau razoável de planejamento prévio. Restringindo-nos ao texto falado, podemos considerar que o planejamento conduz a uma certa fluência na transmissão das informações que, somados a fatores como conhecimento partilhado, objetivo do evento, relação entre os participantes, canal utilizado etc., conduzirão o processo de enunciação num grau de continuidade discursiva maior ou menor.

Numa conversação espontânea, o fluxo pode apresentar uma acentuada descontinuidade, já que os sujeitos buscam *in loco* a definição de um tópico a ser desenvolvido e, para tanto, devem recuperar uma série de fatores que auxiliem na propriedade de contração, ou seja, no estabelecimento, através do ato de fala do enunciador, de referentes explícitos ou inferíveis para que o enunciatário interaja no processo e contribua para a construção de um texto coeso e coerente.

Durante uma interação conversacional o fato de o enunciador estar frente a frente com o seu enunciatário ou via telefone, permite que, de acordo com as especificidades de cada interação, o falante interrompa a sua fala ao perceber traços verbais ou paralingüísticos advindos do interlocutor a fim de conceder informações adicionais ou reparos em seu enunciado para garantir a compreensão e atingir o objetivo esperado.

Dessa forma, formular um texto falado induz a realizar uma produção discursiva com vistas a atingir o interlocutor, que poderá fornecer pistas para que o falante (re)oriente seu discurso, prosseguindo nas informações ou as interrompendo, se necessário, buscando sempre a compreensão e construção coletiva do texto.

Nessa perspectiva, é possível dizer, baseando-nos em Koch et alii (1996: 150), que, procurando estratégias que garantam a compreensão dos enunciados, o falante faz uso de regras que auxiliam no estabelecimento de um *acordo contratual*, no qual os sujeitos

aceitam ou não as regras *do jogo*. Assim, é pertinente dizer, apoiando-nos ainda em Koch et alii (1996: 150) que o locutor deve:

- a) ao primeiro sinal de compreensão emitido pelo ouvinte, evitar seqüências tópicas que continuem desenvolvendo o assunto
- b) ao notar incompreensão a respeito do que fala, reorientar o enunciado a fim de promover clareza, explicando melhor o que deseja
- c) interromper o que fala se considerar uma formulação inadequada, corrigindo-se imediatamente
- d) ao tecer considerações a respeito do que não conhece, evitar posturas categóricas e irreduzíveis.

Realizadas as considerações anteriores, cabe agora tratarmos, especificamente, do desenvolvimento teórico a respeito do procedimento de inserção tópica, aplicando-o, sempre que possível, na conversação telefônica documentada para análise neste estudo.

4. Processos de inserção

Para Koch (1998: 94), as inserções são “segmentos discursivos de extensão variável que provocam uma espécie de suspensão temporária do tópico em curso, desempenhando funções interativas relevantes como: explicar, ilustrar, atenuar, fazer ressalvas, introduzir avaliações ou atitudes do locutor”.

Ao inserir uma seqüência tópica num discurso em progressão, o enunciador traz informações novas que podem oferecer ao enunciatário condições de melhor compreender a mensagem e atuar sobre ela. Para tanto, há a diferenciação entre dois tipos de inserções:

- a) a *auto-condicionada*, que ocorre em situações discursivas em que o próprio falante sente a necessidade de inserir segmentos tópicos em seu discurso. Por meio de *frases-hóspedes* (Koch et alii, 1996: 153), o enunciador apresenta melhores esclarecimentos a respeito do que fala ou, ainda, promove atenuações, citações, ressalvas, tendo sempre em vista objetivos traçados para o momento do evento comunicativo;

b) a *hetero-condicionada*, cuja realização é ocasionada pela interferência do enunciatário através de, por exemplo, um questionamento, fazendo com que o enunciador, necessariamente, interrompa a seqüência tópica em curso e ofereça ao enunciatário informações por meio de seqüências tópicas inseridas a respeito do que foi solicitado.

Ao promover inserções por meio de frases-hóspedes, o interlocutor acaba, logicamente, fazendo uma suspensão momentânea na linha discursiva que vinha sendo encaminhada. Tal procedimento demonstra que o locutor está tecendo comentários a respeito de algo cuja base para a melhor compreensão depende de uma interferência adicional, o que revela sua preocupação quanto ao efeito de sentido que se pode produzir a partir de seu enunciado.

Ao assaltar o turno, o interlocutor passa a locutor interferindo na produção discursiva do enunciador, colaborando para a elaboração do texto conversacional. Quando o ouvinte age dessa maneira, ocupando o turno para questionar, cria no parceiro que antes falava certa obrigação em responder, enunciando segmentos tópicos “laterais” que terão a função de também esclarecer o tópico em desenvolvimento.

Importante salientar que atitudes de inserção só terão funcionalidade no processo discursivo e poderão ser nomeadas e estudadas como um “processo de inserção” quando o tópico que preceder essas seqüências inseridas for retomado. Observemos o exemplo (2):

(2)

1. L1 (...) quer saber de um babado for::::te::RÉ::simo?
2. [
3. L2 quero quero conte-me conte/
4. **a::i a::i que saudade que bom que você me ligou**
5. L1 viu ... você não sabe ...
6. L2 quem?
7. L1 a M voltou de viagem ... voltou das férias (não sei o que lá)

Em (2), L2 assalta o turno (linha 3) e passa a locutora, aceitando desenvolver o tópico proposto por L1, sua interlocutora, (quero quero conte-me conte/) e, por meio da inserção de uma seqüência de informações paralelas (linha 4), demonstra contentamento em falar ao

telefone com alguém com quem há algum tempo não mantinha contato (a:i a:i que saudade que bom que você me ligou).

Ao enunciar a *seqüência inserida hetero-condicionada* num tópico que iniciava o seu desenvolvimento, L2 provoca, logo no início, uma suspensão momentânea na linha discursiva que pretendia ser encaminhada. Tal procedimento autoriza L1 a dar continuidade ao tópico, pois L2 tem interesse e satisfaz-se em ouvir o que sua interlocutora tem a dizer.

A interferência de L2 em (1) não revela uma participação com a finalidade de *explicar, ilustrar, atenuar, fazer ressalvas, introduzir avaliações ou atitudes da locutora* (Koch, 1998: 94), mas realiza um ato de contentamento em interagir com L1 e adesão ao evento comunicativo instaurado e, por isso, a seqüência inserida, apesar de quebrar o fio narrativo que acabara de ser iniciado por L1, deu maior incentivo para que o retomasse. L1 compreendeu a mensagem e procedeu ao desenvolvimento do tópico iniciado. Não é possível, portanto, afirmar que a seqüência inserida em (2) tenha prejudicado o diálogo, mas, ao contrário, ajudou na instauração mais segura de um tópico que iniciava seu desenvolvimento.

Outra ocorrência de seqüência inserida muito interessante pode ser observada no trecho seguinte:

(3)

(Contextualização: L1 inicia o tópico “babado forterésimo” que possui como personagem/referente principal M.)

7. L1 a M voltou de viagem ... voltou das férias (não sei o que lá)
8. L2 **Que::m?**
9. L1 **M**
10. L2 **a M**
11. L1 **é... aí acabo/ ela até te mandou um e-mail ... na sexta feira ... a gente já tinha (...)**

No fragmento (3), portanto, observamos que L2 não compreendeu exatamente a respeito de quem L1 se referia e, por isso, buscando solucionar o problema, insere na linha 8 a pergunta (Que::m?) que vem logo seguida de resposta (M) na linha seguinte. Essa ocorrência, denominada por Marcuschi (2001: 48) de seqüência pergunta-resposta (ou P-R)

inserida, possui sempre uma motivação comunicativa-interacional, que em (3) instaura-se como a tentativa, por parte de L2, de recuperar um termo ou referente já mencionado por L1, pois aquela sabia que a compreensão desse termo seria fundamental para o processo de comunicativo instaurado. Observamos, portanto, que buscando estabelecer uma das propriedades do tópico discursivo, a centração, L2 recorre a uma inserção, o que não prejudica a interação, pelo contrário, ela se estabelece a partir da estratégia a qual L2 lança mão.

Portanto, em (3), ao notar incompreensão a respeito do que fala, reorientando seu enunciado, L1 imprime clareza ao seu discurso e explica de quem fala. Além das interlocutoras construírem um texto conversacional coletivo, não prejudicam a interação.

No trecho seguinte (4), observamos a ocorrência de outra inserção – de extensão maior do que as analisadas até aqui.

(4)

(Contextualização: L1 reinicia o tópico “babado forterésimo” a respeito de M.)

11. L1 é... aí acabo/ ela até te mandou um e-mail ... na sexta feira ... a gente já tinha
12. ido embora dizendo “ah F pode me ligar (a) qualquer hora”
13. L2 ähn
14. L1 aí eu reforcei pra ela hoje eu a/ eu a encontrei num evento que gra::ças a
15. Deus deu tudo certo você assistiu SPTV?

Em (4), notamos que L1 procede, nas linhas 11 à 12, à realização de uma *seqüência inserida auto-condicionada*, ou seja, a locutora L1 insere uma seqüência tópica sem que L2 realize qualquer manifestação de incompreensão do enunciado ou do tópico em andamento. O trecho sublinhado (ela até te mandou um e-mail ... na sexta feira ... a gente já tinha ido embora dizendo “ah F pode me ligar (a) qualquer hora) revela que L1, ao desenvolver o tópico, considerou necessário, num dado momento, promover a suspensão do tópico, o que a levou a interromper bruscamente, na linha 11, o que vinha enunciando, ou seja, recorre a um truncamento (aí acabo/).

A inserção da seqüência tópica no exemplo (4) tem a finalidade de fazer uma ressalva a respeito de M, que é, nesse momento, o referente ou o tema da interação. Nesse

caso, portanto, a ressalva inserida por L1 provocou a suspensão momentânea do tópico discursivo a fim de veicular uma informação nova e diretamente ligada a L2.

Os casos de inserções analisadas em (1), (2), (3) e (4) nos autorizam afirmar que tais estratégias comunicativas realizada pelos falantes não configuram problemas ou dificuldades na condução ou desenvolvimento do tópico, mas são de fundamental importância para a instauração de um evento altamente centrado, cooperativo e, portanto, interativo.

5. Seqüência digressiva inserida

Além das ocorrências de inserções apresentadas anteriormente, enunciadas em meio ao tópico em que iniciava seu desenvolvimento, definida por Koch (1998: 97) como “*uma inserção que, pelo menos aparentemente, não desempenha qualquer função relativamente ao tópico em curso, isto é, que é sentida como uma ‘quebra’ no fio discursivo*”, há, também, segundo a mesma autora, casos em que as seqüências inseridas possuem maior extensão. É o caso das digressões. Elas provocam um *afrouxamento* na coerência do texto, o que pode ser atenuado quando é introduzida a partir de *marcadores de digressão*, como: “*a propósito*”, “*por falar nisso*”, “*antes que eu me esqueça*”, “*desculpe interromper, mas*” e outros. Essas marcações revelam, segundo a autora (cf. Koch, 1998: 97), que o falante demonstra consciência da interrupção que provoca, mas que, no entanto, a considera necessária – caso contrário não a realizaria.

Fávero ressalta que

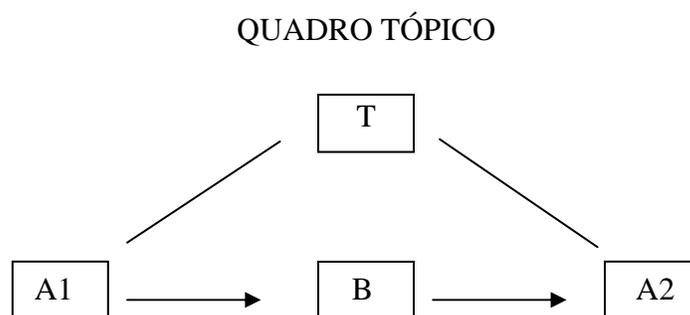
numa conversação – evento comunicativo dinâmico – há uma constante flutuação de tópicos discursivos e essa flutuação não é tida ou sentida como incoerente porque, durante a evolução natural de um diálogo, os tópicos têm uma série de relevâncias que podem ser detectadas e selecionadas pelos falantes. (Fávero, 1999, 51)

Ao retornar ao assunto – se não houvesse a retomada tópica a digressão não seria classificada como um tipo inserção – o locutor pode decidir encerrar a seqüência tópica da

subnarrativa por meio de outros marcadores, como: “*retornando ao assunto*”, “*retomando o que falávamos*”, “*onde é que estávamos mesmo?*”, “*então eu estava explicando*”. A retomada por marcadores como esses evidencia a consciência do locutor em realizar uma “fuga” do tópico a respeito do qual tecia considerações.

Durante a conversação em que ocorre uma inserção, pode-se dizer, segundo Aquino (1991: 99), que um tópico (A1) está em desenvolvimento, quando a inserção de uma seqüência tópica (B) auto-condicionada ou hetero-condicionada faz-se necessária. O locutor retoma a seqüência (A2), dando prosseguimento ao que vinha em curso.

Nessa perspectiva, para melhor compreendermos as inserções digressivas, podemos visualizá-las no seguinte quadro tópico (cf. Aquino, 1991: 99):



T – Tópico

A1 – Tópico em andamento

B – Seqüência tópica inserida

A2 – Retomada do tópico A1

Dascal e Katriel (*apud* Fávero, 1999: 50-2) sugere a classificação das digressões em três tipos:

- 1) *digressão baseada no enunciado*: relaciona-se à seqüência tópica inicial quanto ao conteúdo semântico ou pragmático. Os marcadores conversacionais (ou de

digressão) são mais comuns nesse tipo de digressão, seja na introdução ou no encerramento/conclusão do tópico digressivo.

- 2) *digressão baseada na interação*: não possui relação de conteúdo semântico ou pragmático com o tópico abordado, o que não significa que a seqüência tópica enunciada nesse momento seja inadequada, pois ela sempre ocorre em situações que requerem tais seqüências, como no caso de ruídos externos, chegada de alguém, ou problemas no canal comunicativo. Esse tipo de digressão não afeta a interação ou o fluxo conversacional na medida em que está apoiada em fatores sociais, cuja ocorrência é apoiada pelos participantes por fazer parte de uma categoria que estabelece um processamento cognitivo, permitindo a continuidade do sentido e, portanto, da coerência do texto.
- 3) *digressão baseada em seqüências inseridas*: procurando corrigir, esclarecer ou informar, esse tipo de digressão é hetero-condicionada e inserida no discurso por meio de questionamento que possa direcionar o ouvinte a um conhecimento específico; assim há, geralmente, uma pergunta (enunciada pelo interlocutor, que pode assaltar o turno e passar a locutor) e uma resposta (enunciada pelo falante que perdera o turno mas que agora o recupera para prosseguir com suas considerações). Para Fávero (1999: 52) “*o que a distingue (a digressão) do material conversacional em que está encaixada é o fato de desempenhar uma função metalingüística*”, acrescenta ainda que “*ela marca uma espécie de salto e é vista como uma pausa no fluxo conversacional*”.

Partindo das considerações realizadas aqui, cabe-nos, agora, proceder à análise de uma ocorrência de seqüências digressivas bastante interessantes do *corpus* documentado a partir de uma conversação telefônica espontânea.

(5)

(Contextualização: L1 inicia o tópico “babado forterésimo”.)

1. L1 (...) quer saber de um babado for:::te::RÉ::simo?
2. L2 [
3. quero quero conte-me conte/
4. a::i a::i que saudade que bom que você me ligou
5. L1 viu ... você não sabe ...
6. L2 quem?
7. L1 a M voltou de viagem ... voltou das férias (não sei o que lá)
8. L2 Que::m?
9. L1 M
10. L2 a M
11. L1 é... aí acabo/ **ela até te mandou um e-mail ... na sexta feira ... a gente já tinha ido embora dizendo “ah F pode me ligar (a) qualquer hora”**
12. **ido embora dizendo “ah F pode me ligar (a) qualquer hora”**
13. L2 ãhn
14. L1 aí eu reforcei pra ela **hoje eu a/ eu a encontrei num evento que gra::ças a Deus deu tudo certo você assistiu SPTV?**
15. **Deus deu tudo certo você assistiu SPTV?**
16. L2 não
17. L1 ah F pára ()
18. L2 [
19. Suiu no SPTV::?
20. L1 ah pára... tudo bem que era um projeto com a Globo né mas (eu num) não
21. diminui o meu ()
22. L2 [
23. ua/ua:::u
24. aquele negócio ... me::: u você é boa hein RI?
25. L1 não num sou num sou o tema ajudou... mas só foram cinco figuras lá (né)?
26. L2 não... mas tudo bem
27. L1 mas foram cinco figuras ótimas ()
28. L2 não foram cinco figuras que você levou né porque a assessoria da Globo não
29. faz PÔrra nenhuma né?
30. L1 (não) fazem nada e foi o JT fiquei feliz porque num enfim
31. L2 JT?
32. L1 JT Diário de São Paulo Globo a V a V tá GRÁvida menina
33. L2 A VD?
34. L1 é
35. L2 num acredito:::to
36. [
37. L1 (ela tá) felicíssima ela falou R olha
38. L2 [
39. ãh::
40. L1 (passei) quatro anos casada e agora de repente... fui ver achei que era:::
41. Porque eu tinha tomado pílula quando eu tava menstruada... olha que
42. LOUca... e aí foi (descobrir) que tá grávida tá felicíssima quer fazer ultra-
43. som toda semana ((risos))
44. L2 ((risos)) tá viciada né?
45. L1 () filha né mas enfim tá ótimo... foi uma outra uma agência de notícias né
46. que é rádio foi um jornalzi::nho tribuna mas enfim... isso é o de menos ()
47. L2 [
48. Que bacana...
49. ai me conta o babado que agora estou ansiosa
50. L1 (vou fazer o máximo) me liga... eu falei tava falando com a X e ela falou
51. assim “o T está aí?”...falei i:::ela falou assi/ eu falei olha... “tá escovando os

52. dentes assim que ele voltar eu peço pra ele te ligar”... “não não... não peça
53. para ele me ligar na mesa... não estarei aqui... me liga no celular”...
54. L2 hum::
(...)

Após promover a inserção de uma seqüência tópica de tamanho reduzido – linhas 11 à 12, analisada no trecho exemplificado em (4) –, L1 promove a inserção de uma seqüência maior e mais complexa (linhas 14 a 46) que, não apenas apresenta *explicação, ilustração, atenuação ou ressalva* a respeito do tópico em desenvolvimento, mas suspende, por instantes, o tópico em desenvolvimento tecendo considerações a respeito de um novo assunto de tamanho mais extenso.

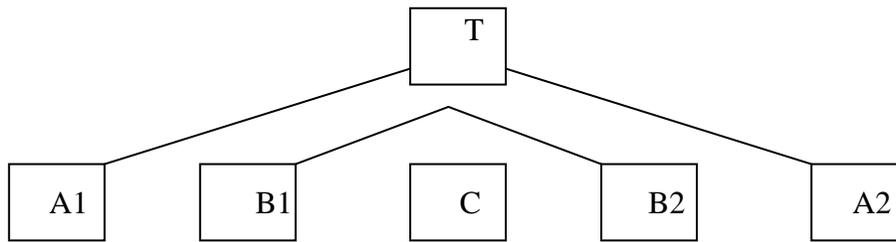
Tal seqüência pode ser caracterizada como uma digressão localizada entre as linhas 14 a 46. Nela, L1, com o consentimento e adesão de L2, realiza um fenômeno digressivo bastante complexo por instaurar não apenas uma digressão, mas duas. Isso significa que por duas vezes o fio discursivo é quebrado.

Inicialmente, a suspensão do tópico acontece a partir da linha 14, quando passam, L1 e L2, a tecer considerações a respeito de um evento co-promovido por L2 e a Rede Globo, o qual denominamos tópico digressivo inserido “evento”. Durante essa primeira seqüência digressiva (em negrito), L2 incentiva nova digressão (em itálico), que acontece a partir da linha 32, a respeito da “gravidez de VD”, tópico digressivo inserido e desenvolvido com entusiasmo por ambas as interlocutoras até a linha 45, momento em que L1 opta por concluir a primeira digressão (“evento”).

Na linha 49, finalmente, L2 retorna ao assunto inicial suspenso. A atitude de L2 determina a ocorrência da seqüência digressiva inserida, pois, caso não houvesse a retomada do tópico inicial, não haveria inserção, mas apenas um desvio e abandono de tópico.

Para melhor ilustrar os casos de inserções digressivas apresentados em (5), observemos o quadro tópico a seguir, sugerido por Aquino (1991: 99) e adaptado para a ocorrência em análise neste estudo.

QUADRO TÓPICO



T – tópico

A1 – Tópico em andamento (“babado forterésimo”)

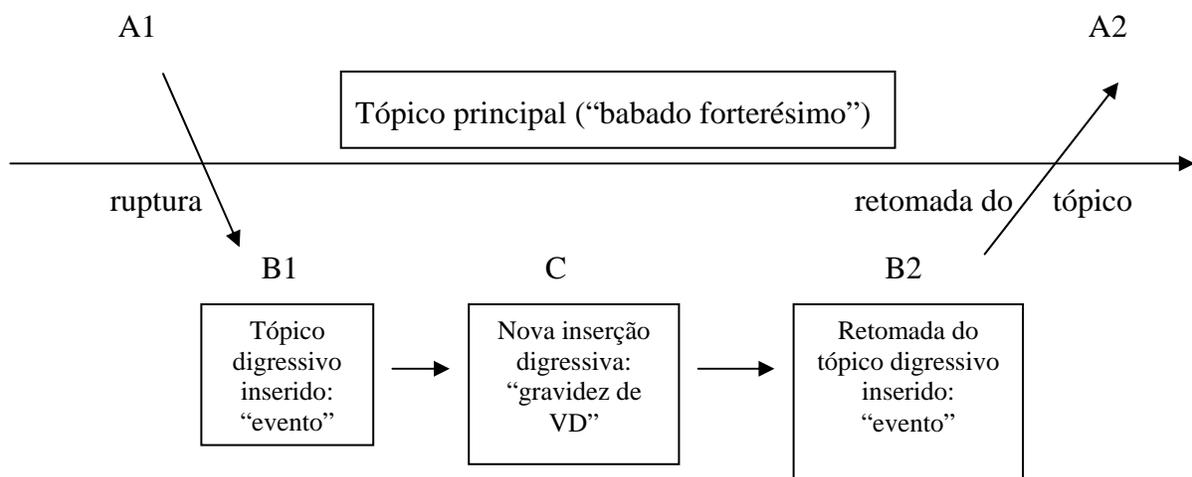
B1 – Seqüência digressiva inserida (“evento”)

C – Nova seqüência digressiva inserida (“gravidez de VD”)

B2 – Retomada e conclusão de B1 (“evento”)

A2 – Retomada e conclusão de A1 (“babado forterésimo”)

ou, na representação por meio de um esquema temático:



A ocorrência digressiva B inicia-se em decorrência de L1 recordar-se de ter encontrado M, referente do tópico principal, num evento. Assim, B é uma *digressão baseada no enunciado*. A seqüência inserida não conta com a utilização, por parte de L1, de um marcador conversacional ou digressivo.

A seqüência digressiva C é, também, baseada no enunciado e, apesar de iniciada por L1, que não utiliza marcador conversacional ou digressivo, prossegue com a adesão de sua interlocutora pois, ao enunciar uma pergunta na linha 33 (a VD?), L2 demonstra interesse a respeito da informação nova na linha 32 (a V tá GRÁvida menina), autorizando L1 a prosseguir com a informação.

Cabe concluir, nesse momento, as considerações a respeito de processos de inserção, uma vez que alcançamos, a nosso ver, o objetivo de demonstrar que eles não prejudicam o curso da conversação; pelo contrário, são importantes não apenas para a sustentação de um diálogo, mas também para o estabelecimento de coerência e instauração da interação no texto construído com a participação de dois ou mais sujeitos.

Considerações finais

As etapas percorridas para a realização deste estudo pretenderam manifestar como seqüências inseridas durante o desenvolvimento de um tópico conversacional podem instaurar sentidos durante uma conversação e convergirem para a realização de um evento comunicativo eficiente em nível de informações e, portanto, da progressão temática.

Durante um evento comunicativo falado por meio da utilização do telefone é possível afirmar que, bem como na interação face a face, os processos de seqüências inseridas mencionados colaboram para a melhor compreensão, aceitação e desenvolvimento dos enunciados trocados entre falantes num processo cuja interação é base fundamental para que a comunicação seja realizada adequadamente.

Constatamos que, ao recorrer a estratégias como as inserções, os sujeitos procuram meios que os conduzam ao sucesso do evento que passa primeiro por seus interesses e, em seguida, pelo efeito que, considerando diversos fatores (contexto, situação discursiva, grau de formalidade, relação pessoal/social entre falantes etc.), pretende provocar no ouvinte, contando, geralmente, com sua contribuição verbal no evento.

Observamos durante a análise das amostras, assim como afirmam Fávero, Andrade & Aquino (2002: 37), que os interlocutores possuem consciência a respeito de quando interagem nos limites de um mesmo assunto, quando passam para outro tópico ou, ainda, quando o interrompem (exemplificação 5).

Além disso, a análise das amostras possibilitou observarmos que as inserções hetero ou auto-condicionadas podem:

- estabelecer condição para que o interlocutor/enunciário compreenda a mensagem e possa atuar sobre ela;
- ser motivadas pela preocupação que o locutor/enunciador possui com o estabelecimento de sentido que produz durante o desenvolvimento tópico;
- instaurar o caráter altamente cooperativo, contratual, centrado e, portanto, interativo entre os parceiros do evento comunicativo.

Cabe mencionar, ainda, que, na amostra aqui analisada, ao recorrer à suspensão momentânea de um tópico em desenvolvimento, os sujeitos falantes pretendiam, em grande parte das ocorrências, veicular informações novas ou repetir seqüências que o ouvinte não havia entendido.

Embora promovam suspensão momentânea de tópico, as seqüências inseridas durante o evento comunicativo documentado para análise neste estudo, sejam elas curtas ou digressivas, podem ser consideradas como importantes e, em alguns momentos, fundamentais para a efetivação do processo comunicativo. Por isso, em momento algum foi possível afirmar que as seqüências inseridas causaram conflitos ou problemas que instaurassem obstáculos para a intercompreensão na situação ou evento comunicativos entre os falantes.

Finalmente, é importante mencionar que, neste trabalho, não tínhamos a intenção de abordar as múltiplas ocorrências dos diversos fenômenos do processo conversacional que a interação espontânea nos oferece, mas consideramos a amostra documentada uma fonte fértil de ocorrências como, por exemplo, sobreposições de vozes, assalto ao turno, simetria/assimetria, hesitações, organização tópica linear, conhecimentos partilhados, planejamento e replanejamento da fala, entre outras questões.

Referências Bibliográficas

1. AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *A mudança de tópico no discurso oral dialogado*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC/SP, 1991.
2. FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. & AQUINO, Zilda G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
3. FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1999.
4. KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1998.
5. KOCH, I. G. V.; JUBRAN, C. C. S.; RISSO, M. S.; URBANO, H.; MARCUSCHI, L. A.; FÁVERO, L. L.; SANTOS, M. C. O. T. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado vol. I: A ordem*. Campinas: Unicamp/FAPESP, 1996, pp. 143-184.
6. MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2001.
7. RODRIGUES, Ângela Cecília Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1999.

Apêndices

Ficha de informantes

Data: 18/8/04

Local do inquérito: Residência de L2 - São Paulo, Paraíso

Tipo de inquérito: Gravação telefônica secreta

Tema: Fofocas sobre o trabalho

Documentadores: Renato Essenfelder e Valter Rodrigues

Locutor 1

Iniciais: RQ

Sexo e idade: feminino, 27

Naturalidade: São Paulo (pais também paulistanos)

Formação universitária: História e Jornalismo

Conhecimento de línguas estrangeiras: inglês fluente, francês e russo básicos

Profissão: Assessora de imprensa

Estado civil: casada
Filhos: nenhum

Locutor 2

Iniciais: FSG

Sexo e idade: feminino, 27

Naturalidade: Santa Maria (RS) (pais paulistas – Pindamonhangaba e Araras)

Formação universitária: Jornalismo

Conhecimento de línguas estrangeiras: inglês fluente

Profissão: Assessora de imprensa

Estado civil: casada

Filhos: um (9 meses)

1. **L1** (...) quer saber de um babado for:::te::RÉ::simo?
2. **L2** [
3. quero quero conte-me conte/
4. a::i a::i que saudade que bom que você me ligou
5. **L1** viu ... você não sabe ...
6. **L2** quem?
7. **L1** a M voltou de viagem ... voltou das férias (não sei o que lá)
8. **L2** Que::m?
9. **L1** M
10. **L2** a M
11. **L1** é... aí acabo/ ela até te mandou um e-mail ... na sexta feira ... a gente já tinha
12. ido embora dizendo “ah F pode me ligar (a) qualquer hora”
13. **L2** ãhn
14. **L1** aí eu reforcei pra ela hoje eu a/ eu a encontrei num evento que gra::ças a
15. Deus deu tudo certo você assistiu SPTV?
16. **L2** não
17. **L1** ah F pára ()
18. **L2** [
19. Saiu no SPTV::?
20. **L1** ah pára... tudo bem que era um projeto com a Globo né mas (eu num) não
21. diminui o meu ()
22. **L2** [
23. ua/ua:::u
24. aquele negócio ... me::: u você é boa hein R1?
25. **L1** não num sou num sou o tema ajudou... mas só foram cinco figuras lá (né)?
26. **L2** não... mas tudo bem
27. **L1** mas foram cinco figuras ótimas ()
28. **L2** não foram cinco figuras que você levou né porque a assessoria da Globo não
29. faz PÔrra nenhuma né?
30. **L1** (não) fazem nada e foi o JT fiquei feliz porque num enfim
31. **L2** JT?

32. **L1** JT Diário de São Paulo Globo a V a V tá GRÁvida menina
33. **L2** A VD?
34. **L1** é
35. **L2** num acredito:::to
36. [
37. **L1** (ela tá) felicíssima ela falou R olha
38. **L2** [
39. ãh::
40. **L1** (passei) quatro anos casada e agora de repente... fui ver achei que era::
41. Porque eu tinha tomado pílula quando eu tava menstruada... olha que LOUca... e
42. aí foi (descobrir) que tá grávida tá felicíssima quer fazer ultra-som toda semana
43. ((risos))
44. **L2** ((risos)) tá viciada né?
45. **L1** () filha né mas enfim tá ótimo... foi uma outra uma agência de notícias né
46. que é rádio foi um jornalzi::nho tribuna mas enfim... isso é o de menos ()
47. **L2** [
48. Que bacana...
49. ai me conta o babado que agora estou ansiosa
50. **L1** (vou fazer o máximo) me liga... eu falei tava falando com a X e ela falou
51. assim “o T está aí?”...falei i:::ela falou assi/ eu falei olha... “tá escovando os
52. dentes assim que ele voltar eu peço pra ele te ligar”... “não não... não peça para
53. ele me ligar na mesa... não estarei aqui... me liga no celular”...
54. **L2** hum::
- (...)